O INTELLECTUAL E A DOMINAÇÃO IDEOLÓGICA.

Aquilis Alves MATOS

Pós graduação em Metodologia Científica de Sociologia e Filosofia.

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES.

RESUMO

O trabalho apresentado é dividido em partes que se relacionam para completar toda discussão exposta ao leitor. O texto debate as criações ideológicas criadas pelos intelectuais burgueses para fazer um processo de naturalização da injustiça social na sociedade, mostrando que a escola é usada como principal mecanismo para construir uma aceitação de uma organização social capitalista e esclarecendo teorias existentes na sociedade criadas para manter a dominação cultural entre classes dentro da sociedade.

O trabalho discutirá teorias científicas que são criadas por intelectuais capitalistas para manter o processo de dominação e criar uma falsa realidade de democracia social, criando teorias dentro da escola para conseguir manter a classe trabalhadora como mão de obra barata para uso no cotidiano. Esse trabalho critica teorias que promovem uma dominação cultural considerando as diferenças culturais expostas nas línguas como deficiências, ou seja, preconceitos linguísticos usados como meio para impor a classe dominada uma forma padrão de falar. O final do trabalho oferece uma solução com o uso da escola unitária para que os processos de dominação deixem de acontecer com a autonomia do indivíduo criada pela educação única oferecida pela escola unitária.

Palavras-chave: Dominação cultural. Intelectuais. Escola.

INTRODUÇÃO

A discussão de todo o trabalho está centralizada nos aspectos de processos que promovem, dentro do sistema capitalista, uma naturalização da exploração por intelectuais que promovem toda injustiça social. Os estudos analisados nesta pesquisa apresentam como os processos educacionais brasileiros formam as pessoas para que se enquadrem em normas de dominação, que as instituições e a classe que está no poder legítima como padrão único.

A pesquisa discute vários conceitos criados no Brasil por intelectuais que na verdade encontram-se a serviço de uma classe dominante e esses profissionais tem como responsabilidade de construir normas e introduzi-las para que a massa da população encare como natural qualquer sistema de exploração. Para que a classe dominada tenha certeza que sua realidade social é a única opção democrática possível para suas vidas.

Esta discussão tem o objetivo de desconstruir alguns argumentos existentes na sociedade que foram aceitos e reproduzidos dentro da escola para oferecer aos alunos uma dominação cultural, formando esses alunos para a aceitação de valores com o intuito de alicerçar o sistema pertencente a classe que esteja no poder. O trabalho também se interessa em explicitar algumas ideologias dentro da escola para poder questionar as mesmas e assim desconstruir os argumentos existentes que alicerçam essas normas ideológicas.

A presente proposta se traduz numa pesquisa teórica que visa discutir as relações culturais entre as classes sociais com os objetivos de explicitar ideologias que são usadas para exercer coerção social sobre grupos subalternos. Debater formas possíveis que esclareçam à classe dominada a respeito dos valores recebidos como parte de sua cultura, que na verdade não faz parte de seus reais princípios.

O trabalho procura demonstrar que o papel da escola é a reprodução de mecanismos para o treinamento de corpos doutrinados para servirem ao sistema capitalista sem qualquer questionamento de sua realidade. O papel desse trabalho está na reflexão para a construção de novas propostas para a educação no sentido de uma formação mais humana e desprovida de ideologias de dominação.

Esse trabalho explicita ideologias dominantes dentro sistemas educacionais e promove possíveis formas de construir uma educação que possa ser muito além de um ensino com o intuito somente para o trabalho em nossa sociedade.

Os argumentos desenvolvidos neste trabalho apontam no sentido de demonstrar contradições existentes dentro da escola e que o seu papel de instituição democrática na verdade se traduz na reprodução do sistema vigente. A escola está focada na criação da mão de obra necessária para o trabalho ao invés de que construir seres humanos críticos e ativos em sua realidade cotidiana.

Nos capítulos deste trabalho procuramos estabelecer um debate no sentido de esclarecer as formas de dominação no seio da sociedade e seus desdobramentos políticos sociais.

A concepção do homem como intelectual é discutida no primeiro capítulo. A partir daí, de posse do referencial teórico Gramsci, compreenderemos o papel deste importante ator social no modo de produção capitalista, mais especificamente em sua atuação no sistema de ensino. Com o referencial trabalhado por Gramsci, é esclarecido

quem são os reprodutores e difusores da ideologia dominante, seja como profissional encarregado de uma educação transformadora.

Uma forma de escamotear o direcionamento educacional entre àqueles que irão realizar trabalho manual e trabalho intelectual. Esta ideologia, competentemente difundida no seio das classes subalternas, será discutida por todo trabalho.

Para questionar a dominação entre as classes, compreender os símbolos utilizados como mecanismos que atuam sobre os subalternos, discutiremos na parte final do trabalho, a proposta de uma escola unitária de Gramsci (2006) e a transformação moral e política do homem na sociedade atual.

A escola dotada de conteúdos disciplinares capazes de fornecer elementos que decifrem os códigos sociais possam criar uma sociedade de práticas críticas e intelectuais comprometidos com a emancipação do homem enquanto ser.

O INTELLECTUAL E A DOMINAÇÃO IDEOLÓGICA.

Para Antônio Gramsci qualquer sociedade que esteja integrada a uma relação econômica capitalista de produção tem como consequência o surgimento dos intelectuais para desenvolver um trabalho em função do sistema de produção do qual esteja integrado.

Este intelectual nascido no seio do sistema capitalista vai trabalhar para que possa haver uma mediação de conflitos entre a forma de produção e a sociedade, desenvolvendo um papel não somente de natureza econômica, bem como no campo social, político e cultural.

O intelectual desenvolve o papel de manter o mercado, a produção, elaborar novas formas para investimentos e controles da massa da população trabalhadora para que o sistema possa funcionar corretamente. De acordo com Gramsci (1995) o empresário seria uma forma de intelectual de nível avançado, porque estaria no topo do desenvolvimento dessas funções. Existem “intelectuais criadores” cientistas responsáveis por construir ideologias que exercem força na opinião da sociedade, “intelectuais organizadores” que são os responsáveis pela mídia de reprodução ideológica, “intelectuais educadores” que são família, a escola, dentro do bloco de intelectuais existem várias categorias que são divididas para serem responsáveis por ações na sociedade. “Deve-se observar o fato de que o empresário representa uma elaboração social superior, já caracterizada por certa capacidade dirigente e técnica”, isto é, intelectual [...]” (GRAMSCI, 2006, p.15).

É esclarecida a existência de categorias de intelectuais. Os intelectuais orgânicos surgem nas cidades, onde provavelmente exista uma concentração de indústrias. Pois esses intelectuais estariam responsáveis para manter a produção em alta no sistema capitalista. Existem outras formas de intelectuais que são os, intelectuais tradicionais que surgem normalmente no campo, acreditam serem intelectuais livres de questões ideológicas, ou seja, acreditam não estarem trabalhando para uma classe dominante, mas na verdade eles desenvolvem um papel cultural de manter a tradição de conceitos morais dominantes na sociedade do qual faz parte.

Os intelectuais tradicionais acreditam ter uma autonomia ideológica, mas Gramsci (1995) discorda esclarecendo e colocando dúvida sobre essa autonomia, dizendo que intelectuais tradicionais surgem normalmente na formação dentro da igreja, então seguem normas da igreja para basear os seus pontos de vistas sociais e políticos. Tanto os intelectuais tradicionais como os intelectuais orgânicos desenvolvem papéis na sociedade, pois são consideradas pessoas esclarecidas para solucionar problemas na sociedade na qual se encontram.

Nesse aspecto o intelectual burguês criou no sistema educacional um método burocrático que acabou construindo nos indivíduos a noção de não participação social, por não estar atrelado ao conceito de nível de intelectual. Afinal o ensino da escola foi e é pensado por intelectuais capitalistas que administram a escola como um mercado de produção de capacitados ou não capacitados para exercer as funções técnicas mais avançadas socialmente

Uma forma de aderirem essa noção de incapacidade é pelo método de avaliação por provas, realizadas anualmente a seleção de alunos capazes de seguir para o próximo ano ou até mesmo ingressar em uma universidade. A questão que a escola promove com seus métodos burocráticos a aceitação de uma dominação, onde o processo de seleção vai prejudicar a classe dominada, que por não ter igualdade ao acesso de capital financeiro, fica obrigado muitas vezes a desenvolver trabalhos na sociedade para garantir sua sobrevivência e assim fica retida ao acesso de vários de conhecimentos existentes na sociedade por dificuldades econômicas.

Outro problema da avaliação escolar, é que exigido nas avaliações uma realidade que os alunos não vivenciaram, conceitos e questões muitas vezes que estão muito distantes do processo formativo desses alunos. Então, surge uma lacuna enorme entre aprender e utilizar o conteúdo escolar, pois esse conteúdo não faz parte de sua realidade social cotidiana. O sistema escolar e a sociedade criam uma personificação do aprendizado, onde, quanto maior as etapas “conquistadas” no ensino, maior seu nível intelectual. Isso vai criar uma dominação sobre a

classe trabalhadora, pois ela vai ser legitimada como “inferior”, cheia de senso comum e sem fundamentos lógicos científicos para poder questionar a sua própria realidade de seu cotidiano. A escola vai legitimar o intelectual como aquele que possui formação necessária para exercer uma determinada função, ou seja, a escola desenvolve o papel de formar os intelectuais e a massa popular do trabalho.

Mas, para Gramsci (2006), é contraditório isso tudo, pois, os trabalhadores que exercem seu serviço em trabalhos que exigem atividades físicas, também são considerados intelectuais; por que ao desenvolver as funções mais “grosseiras” que elas possam ser, mesmo assim necessita do funcionamento da parte do intelecto para que o trabalho seja realizado, levando assim que no sistema capitalista as profissões são categorizadas por níveis, dependendo do lucro que a mesma gera.

Mas o trabalhador de uma indústria, por exemplo, não é considerado intelectual pela sua profissão exercida em um determinado sistema econômico, pois ele não está incluso na especialização criada por uma classe com intuito de dominação sobre a massa da sociedade, ou seja, o trabalhador de uma indústria não possui uma formação para poder ser considerado intelectual, mesmo porque o trabalhador é visto em sua mão de obra como lucro produtivo, aquele que estende o lucro financeiro em produções e em sua mão de obra barata. A escola formou esse trabalhador com a finalidade dele ser um operário com o conceito de não intelectual. Portanto, seu trabalho é visto como um exercício mecanizado técnico e por esse mesmo motivo será justificado a diferença de salário, não por um ser intelectual organizador do trabalho, mas como um prestador de serviços e homem treinado para tarefas manuais. Então, a imagem de intelectual é construída, personificada e usada como dominação sobre o trabalhador, pelo motivo que todos nós em condições “saudáveis” usamos o intelecto para desenvolver trabalhos, mas somente alguns são considerados intelectuais. A sociedade capitalista cria-se essas categorias visando extensão de lucro, mantendo uma categoria de trabalhador para produção capitalista, com aspectos técnicos e mão de obra em preço de custo.

Devido às construções de conceitos de níveis escolares, a população assalariada deixa seus “direitos” nas mãos dos intelectuais da classe dominante esperando mudanças no sistema para que suas vontades e reivindicações de melhoria trabalhista possam ser atendidas.

Por isso é possível dizer que todos os trabalhadores são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais (assim, o fato de que alguém possa, em determinado momento, fritar dois ovos ou costurar um rasgão no paletó não significa que todos sejam cozinheiros ou alfaiates). (GRAMSCI, 2006, p. 18).

O sistema de ensino reforça conceitos morais que quanto maior os graus realizados em instituições de ensino maior a sua capacidade de discussão dos problemas sociais, valorizando

o conhecimento criado apenas pelos intelectuais. O que acaba dando voz a poucos, pois o sistema escolar com sua burocracia acaba excluindo grande parcela da sociedade que pertence às classes desfavorecidas.

Para Gramsci (2006) isso é resultado de um processo histórico onde à junção de todas as classes, mas nessas junções há formações de grupos considerados mais importantes que estão em trabalho da classe dominante. Mas dizem estar a trabalhando para a “justiça social” e pelo povo.

Isso gera a valorização em determinada forma de trabalho, para que historicamente o intelectual tenha respeito e a classe dominada possa aceitar esses valores como únicos, verdadeiros e valores morais pertencentes a sua classe. A organização da escola insere os métodos burocráticos para legitimar os intelectuais, por esse motivo surgem vários graus, níveis de estudo e especializações. A escola vai ter o papel de formar os intelectuais, para que os mesmos possam inserir determinados valores na sociedade. Então a escola vai ser um grande mecanismo ideológico da classe que predomina no poder para educar e reproduzir valores da classe dominante como ideais universais.

Os “homens” desde criança são introduzidos à escola no objetivo aderirem valores para o funcionamento do sistema capitalista. Esses valores são trabalhar, ser disciplinado, obediente, não questionar ordens e etc... Sem a escola o sistema teria muita dificuldade de difundir tais valores com tanto êxito. Esses valores vão ser aderidos à cultura e levados com os trabalhadores como se não existisse outra forma mais justa de trabalho, ou seja, a escola vai “moldar” o ser humano com valores para que ele possa aceitar as normas impostas pela classe burguesa.

“Uma sociedade baseada no capital cultural técnico e na acumulação individual de capital econômico precisa parecer ser o único mundo possível.” (APPLEL, 2008, p. 126).

Os intelectuais envolvidos na função da transferência do conhecimento no sistema escolar acabam por desenvolver um papel na sociedade capitalista, diferente dos funcionários de uma indústria, por exemplo. Os intelectuais burgueses seriam na verdade responsáveis, no sistema capitalista, de selecionar os melhores mecanismos para naturalizar as desigualdades com o auxílio dos meios de comunicação, falar em nome de toda a sociedade, apresentar metas para melhorias e etc... Por esse motivo devemos refletir sobre ideologias apresentadas como única e verdadeira por pessoas consideradas intelectuais, são os intelectuais que organizam e ajudam a manter a dominação sobre a maior parcela da população.

Os intelectuais são vistos acima de tudo e de todos, eles seriam os “donos da verdade”, estaria no sistema jurídico, na escola, em empresas, igrejas e etc. A massa da população obediente às leis e valores adicionados na cultura sem qualquer questionamento da intenção, acaba aceitando tudo como normal e começa a fazer parte do cotidiano das pessoas à exploração. A escola com o método de educação onde se aprende a não questionar, participa e reforça a posição tomada pelo intelectual de manipular a classe dominada e naturalizar a exploração para manter o sistema capitalista.

Pois quanto maior o nível escolar, mais verdadeiro a informação declarada à sociedade pelos intelectuais, mas a escola mantém com uma educação para o mercado de trabalho o que ajuda então a não construir esclarecimento à massa popular, criando-se, cada vez mais explicações complexas para a realidade, tornando-a mais lógica, burocrática e mantendo-se a dominação sem questionamento da massa popular.

Precisa haver uma justificação contínua e cada vez sofisticada para que se aceitem as distinções e regras sociais antes aprendidas. Essa justificação precisa estabelecer os limites ideológicos de tal pensamento, incorporando maneiras “apropriadas” pelas quais os alunos possam começar a racionar por meio da lógica que explique porque as instituições e a cultura, com que integram no dia-a-dia, são de fato legítimas. Isso exige que as instituições, as regras do senso comum sejam considerados como relativamente pré-dados, neutros e basicamente imutáveis [...] (APPLEL, 2008, p. 126).

Então toda massa dominada perde seu sentido crítico e segue seu caminho sem ter participação política e deixa para os intelectuais dizerem, esclarecerem e resolverem todos os problemas sociais de sua classe. Pois somente os intelectuais teriam conhecimento bastante para discorrer e resolver conflitos e problemas sociais. A classe dominada estaria carregada de propostas sem lógicas científicas, não dispõem de intelecto para transformar a realidade em que se encontram, sem qualquer noção de conhecimento para participar das decisões políticas na sociedade.

Assim, a classe dominante fica livre para legitimar as suas normas de dominação da forma que achar mais conveniente, pois a classe dominada está culturalmente “moldada” pela educação, a não interferir devido ao seu baixo grau escolar. É nesse ponto que os intelectuais desenvolvem seu papel de tornar os valores burgueses algo essencial na sociedade e única alternativa possível.

A questão é que a escola, que deveria formar um ser humano crítico, para poder ter o direito de oferecer sua opinião, na verdade formam os indivíduos para serem submissos às normas e regras que levam a aceitação da dominação. A educação acaba inculcando na massa

popular a naturalização da exploração. Os intelectuais para Gramsci (2006) não é somente o pensador da indústria, mas o indivíduo que trabalha com um papel de exercer uma atividade na sociedade para naturalizar toda exploração capitalista e manter a massa popular alienada aos bens econômicos e intelectuais. O intelectual é enxergado como uma pessoa competente para exercer uma determinada função e o motivo é que o intelectual é um especializado na área e pode trabalhar na organização cultural da sociedade como seus métodos únicos e universais.

É importante entender que o intelectual é responsável por organizar o funcionamento da sociedade, em primeiro lugar para manter o consenso da massa dominada, em segundo lugar manter o aparelho de coerção a todos que desejam contestar o sistema imposto.

Planos que correspondem, respectivamente, a função de “hegemonia” que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e aquele de “domínio direto” ou de comando, que se expressa no Estado e no governo “jurídico”. Estas funções são precisamente organizativas e conectivas. (GRAMSCI, 2006, p. 21).

Para Gramsci (2006) o conceito de hegemonia é uma linha de direção e dominação, ou seja, baseado na conquista e consenso da classe dominada. A hegemonia seria capaz de concentrar em um determinado bloco social valores inseridos na sociedade civil, para haver uma dominação por parte da classe dominante e os intelectuais são os funcionários do sistema para realizar e organizar os conceitos que são fixados na sociedade para haver um pleno funcionamento e manter os interesses da burguesia na sociedade e criando hegemonia burguesa dos valores.

É no interior das instituições onde os intelectuais desenvolvem esse trabalho para o funcionamento da atividade “produtiva”, ou seja, a escola, sistema jurídico, privado ou público, partido político, igreja e etc. Trabalhando os intelectuais para as atividades de interesses dos dominadores sobre a população subalterna. A cultura é trabalhada de forma precisa para que os indivíduos possam ser dominados de forma organizada e a ligação de uma instituição com a outra estabelece a prática de uma manipulação, então o desenvolvimento dessa educação técnica que na verdade se torna um meio de produção de indivíduos dominados para aceitarem o trabalho oferecido.

A escola não tem o interesse em formar pessoas que possam desenvolver as suas capacidades no trabalho, na sociedade e na relação com os outros indivíduos. Na verdade, é oferecida uma educação para o trabalho com especialidades técnicas para a uma futura mão de obra capitalista. Esses indivíduos serão, por toda sua vida, um ser de caráter obediente sem qualquer papel político crítico ao sistema de normas estabelecido no seu grupo social. A sua vida será resumida em futura mão de obra ao sistema capitalista. Mas, caso o indivíduo no

decorrer de sua vida queira exercer esse papel crítico contra o sistema estabelecido, ele sofrerá a coerção da sociedade e das instituições do poder (Estado) onde os intelectuais estabeleceram as normas que devem ser aceitas pela massa popular.

As crianças aprendem como lidar e como se relacionar com a estrutura de autoridade da coletividade as quais pertencem pelos padrões de interação a que são expostas nas escolas. (APPLEL, 2008, p. 128).

Com isso massa se torna dominada pelas normas que a instituição cria para favorecer a classe dominante e a educação não tem o papel de mudar essa situação. Chegamos à conclusão que todas as dificuldades que existem na educação são frutos de interesses, pois mostram que os problemas na educação brasileira, mas não esclarecem os interesses ocultos, ou seja, não mostram quais objetivos indiretos que existem por trás de toda ideologia criada e o motivo da educação não se desenvolver como educação que ofereça uma crítica social. A educação no Brasil muitas vezes, discute se vários problemas que existem na sociedade, mas as escolas brasileiras não mostram o que existe por atrás de ideologias que atuam para manter o sistema desigual na sociedade.

Os centros de ensino não discutem os valores existentes pelo motivo que os mesmos valores são inseridos por ela para poder dominar a massa popular em seu cotidiano, ou seja, assim esses valores naturalizam as desigualdades e fazem a coerção para que todas as pessoas possam não criar qualquer contrariedade ao sistema oferecido e imposto.

Sem uma ordem legal que regule organicamente a vida dos homens ente si, ordem que deve ser respeitada por convicção espontânea e não apenas por imposição externa, por necessidade reconhecida e proposta a si mesmo como liberdade e não por simples coerção. (GRAMSCI, 2006, p. 42).

O indivíduo tem que ter um sentido crítico onde eles mesmos possam entender os seus direitos e deveres para com o coletivo. Não sofrerem uma coerção para que ordens estabelecidas em favor de interesses de pequenos grupos de dominação sejam consideradas norma legítima.

A educação deve ter o papel de mudar a ordem estabelecida para que os homens possam ser libertos da coerção cultural, social, política e econômica. Esse papel deve ser de transformação do indivíduo para que o trabalho seja exercido para o coletivo social e não para o desenvolvimento do capitalismo.

Dessa forma a atividade da escola vai deixar de ser um meio de manipulação para ser uma junção do trabalho, seja ele qual for e o desenvolvimento do intelecto, ou seja, a escola vai trabalhar com desenvolvimento do “ser”. O intelectual passa ser qualquer trabalhador e não pessoas que estão a serviço das instituições de dominação cultural e de controle soberano sobre

a massa da população trabalhadora. Todo trabalhador vai ter a educação como um mecanismo de desenvolvimento do seu intelecto crítico e seu intelecto profissional, assim o trabalhador poderá participar mais de suas atividades na sociedade, pois o mesmo será reconhecido com importância em seu trabalho, em sua vida social e política.

“Também a tradição seletiva que opera hoje, negando a importância tanto do conflito quanto das diferenças ideológicas.” (APPLEL, 2008, p. 125).

A escola tem de cessar a negação da existência de conflitos e ideologias existentes, para que possa realizar discussões sobre esses problemas e poder reconhecer possíveis relações de dominações e conflitos entre classes. Para que essa tradição impregnada na sociedade possa ser alterada para uma discussão e compreensão das diferenças que existe na sociedade. Diferenças muitas vezes negadas ou omitidas, diferenças que na maioria das vezes são usadas para justificar a violência social, as desigualdades, injustiças sociais, políticas e econômica.

GRAMSCI E SUA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO.

Para Gramsci (2006) toda educação é mediada pelos intelectuais de sua época, esses intelectuais são responsáveis de transmitir os conteúdos históricos da sociedade, são com essas mediações que a sociedade é exposta as ideologias dominantes, na transmissão desses conteúdos que são omitidos as lutas de classes.

A escola é um dos principais mecanismos de formações ideológicas e de intelectuais, cria uma realidade de uma democracia universal, ou seja, que todos têm o mesmo direito e oportunidades na sociedade, isso cria a concepção de que a situação do indivíduo é responsabilidade somente do mesmo.

Existe uma suposta “democracia”, mas a massa da população é integrada a uma educação que não possibilita esclarecer e criar uma reflexão de sua situação, criando uma massa desinteressada pela política de sua época. A educação está sendo mediada por grupos dominantes com ideais que não favorecem os grupos da massa social.

Esses ideais são transmitidos pelas escolas, os centros educacionais estão sendo mediado por intelectuais que não pertencem a uma formação que possa favorecer os interesses dos grupos dominados e isso provoca uma dominação passiva, pois a escola constrói uma realidade burguesa por ser conveniente aos interesses dos mediadores da educação.

Para Gramsci, a atividade de educação das massas é realizada, sobretudo através da mediação dos “intelectuais”, isto é, de indivíduos que organizam e difundem a concepção de mundo de uma classe social que, emergindo no terreno da produção econômica, procura exercer o seu governo sobre a sociedade. Como “funcionários” de uma determinada classe social, são eles que realizam as funções subalternas da hegemonia social, procurando obter o consentimento das grandes massas ao domínio político da classe social à qual estão organicamente vinculados. (DORES, 2000, p. 191).

Mas a escola é um mecanismo importantíssimo, pois assegura valores incorporados na sociedade e tais valores ideológicos acabam por se incorporar à classe dominada. A classe dominada pode assegurar uma visão hegemônica pelo mecanismo escolar, mesmo se essa visão não favorecer essa classe que não está no poder.

A ideologia transmitida pelos grupos dominantes pode ser questionada, mas para isso devemos criar a junção de uma prática escolar que valorize o ser, ou seja, criar também uma educação que possa esclarecer o agir do homem no estado de consciência de reflexão dos valores existentes. A escola é importante para as classes subalternas, porque se a mesma for usada para criação de representantes políticos dos grupos subalternos poderemos ter uma introdução de questionamentos dos valores e assim construir ou introduzir valores de interesse da massa popular para poder estabelecer uma nova hegemonia cultural.

Para tanto, os agentes transformadores devem criar dentro das escolas reflexões que possam discutir a realidade introduzida em seu tempo, para que os alunos tenham uma formação completa, ou seja, deixar de educar os alunos para simplesmente ser um trabalhador. Os alunos devem deixar a escola como pessoas esclarecidas de sua condição e autônomas para poderem conquistar uma consciência filosófica.

Gramsci considera a escola a principal agência, na sociedade civil, de formação dos intelectuais. De modo especial, preocupa-lhe a preparação de intelectuais de novo tipo, organicamente ligados às classes subalternas, para que possam influir no processo de conquista da hegemonia civil, educando e formando os “simples”, ou seja, elaborando e tornando coerentes os problemas que as massas populares apresentam em sua atividade prática para, assim, constituir um novo “bloco cultural e social”. (DORES, 2000, p.191, grifo do autor).

A escola pode tornar-se num instrumento poderosíssimo, inclusive patrocinar a revolução intelectual e moral do qual nos coloca Gruppi (1978), mas o problema da escola no Brasil é que as reformas morais são de substituição de valores burgueses antigos por novos valores burgueses, a escola não consegue, no Brasil, construir uma verdadeira revolução no homem por estar comprometida com valores e interesses principalmente dos grupos

dominantes. A escola no Brasil está inserindo a massa popular com a intenção de prepará-los para desenvolver trabalho tecnicista. Essa educação, ao invés de patrocinar a reforma moral e intelectual, promove nas pessoas uma formação onde os alunos não conseguem se tornar um ser que possa transformar sua realidade.

Então toda preocupação com a organização da cultura é importantíssima, é na introdução de valores morais pelas ideologias burguesas que a escola se torna reprodutora da desigualdade social. Daí a necessidade de formar intelectuais da massa popular brasileira para poder criar uma reforma moral e intelectual dentro das escolas no Brasil.

Por isso, consideramos imprescindível abordar o seu enfoque sobre a “organização da cultural” e a “reforma intelectual e moral”, pois se tratam premissas importantes para compreender a elaboração da proposta da “escola unitária”. (DORES, 2000, p. 375, grifo do autor).

A massa popular deve criar e introduzir os intelectuais nas diversas categorias como, “intelectuais criadores” cientistas responsáveis por construir ideologias que possa exercer força na opinião pública, “intelectuais organizadores” que são os responsáveis pela mídia, “intelectuais educadores” que são família, escola e assim conseguir uma mudança da estrutura do bloco social. A escola deve formar pessoas que possam ter uma autonomia para questionar e mudar o bloco social, participando criticamente ou exercendo trabalho nas categorias representatividade da sociedade. Desse modo os grupos dominados poderão conseguir uma reforma moral, mas para isso a escola deve passar a valorizar o ser, ou seja, o aluno deve ser visto como agente de transformação e não como um futuro trabalhador.

Quando Gramsci (2006) discute em seu trabalho que todos os homens são intelectuais e filósofos, é uma ideologia de valorização do ser, ou seja, não existem homens incapazes ou inferiores. Todos os seres humanos podem se tornar pessoas capazes de mudar sua realidade social, desde que possam ter sua cultura valorizada e transformada. Pois a cultura seria uma forma de significação do exercício do pensamento de entender a realidade exposta da causa e efeito.

Dessa forma existe preocupação na organização da cultura, de promover para as classes dominadas uma educação que possa formar uma cultura de seu próprio filosofar, sobre todas suas situações e criar um ser valorizado e crítico de sua própria realidade.

A proposição de Gramsci sobre a organização da cultura, apresentada desde a época juvenil, se articulada à noção de que “todos são cultos”, o que mostra já se encontrar em formação o seu conceito de “intelectual”. Considera que todos são cultos porque pensam e são capazes de se conectar causa e efeito. (DORES, 2000, p. 377, grifo do autor).

Isso questiona a escolas no Brasil que muitas vezes encaram os alunos como vazios que devem ser preenchidos de conteúdos, isso seria um ato de desvalorização da concepção de mundo do ser, muito prejudicial na construção do conhecimento. O conhecimento deve ser uma dualidade entre professor e aluno onde ambos possam discutir o mundo apresentado.

Então há necessidade de elevar as culturas da massa da sociedade valorizando a sua perspectiva de realidade sem desvalorizá-las, ou seja, construir um pensamento crítico na reflexão entre o senso comum do ser e o senso crítico, para poder quebrar ideologias dominantes. Na questão de elevar a cultura não é na ideia de considerar uma cultura inferior, mas sim valorizar e ampliar a visão de mundo da massa popular, para que grupos dominados possam ter uma autonomia de identificar para quem as ideologias e intelectuais estão a serviço. Essa elevação da cultura também é manifestações artísticas que possam desenvolver a formação do ser em todo campo social.

Essa intenção de autonomia e reconhecimento de novos valores e introduzi-los na cultura têm a ideia de favorecer as classes dominadas. É uma tentativa de unir as necessidades principais dessa classe para que a mesma possa trabalhar em favor de construir uma nova realidade social. Isso é uma intenção de unir a filosofia com a política em uma realidade cotidiana para prática das camadas subalternas da sociedade.

Assim, tomando como princípio metodológico o nexo entre filosofia e política, Gramsci desenvolve os temas juvenis sobre a “organização da cultura” para formação de uma “consciência unitária dos trabalhadores” e desemboca no conceito de “reforma intelectual e moral”. (DORES, 2000, p. 381, grifo do autor).

Formar uma “consciência unitária” dos trabalhadores seria organizar a cultura e construir uma reforma moral, mudar a perspectiva e visão do mundo, criar novas ideologias e desconstruir ideologias dominadoras; implica em uma nova ética e conduta da massa popular em sua sociedade. A intenção é construir uma hegemonia do proletariado para que o mesmo possa ter seus interesses aceitos e colocados na sociedade e para isso é necessário difundir ideologias que favoreça a massa popular. O homem é resultado não só da natureza, mas também dos processos históricos e esse homem deve participar desse processo como um ser político de seu tempo.

Gramsci (2006) tinha uma visão de transformação geral da sociedade, ou seja, o seu trabalho tem a intenção de emancipar todas as camadas sociais, mudar toda a sociedade de uma forma que pudesse com essa emancipação criar uma ideia hegemônica que garantisse

autonomia e a realização da prática filosófica. A criação de um pensamento mais humano dentro de toda sociedade, com o uso da prática da filosofia para tornar o homem um ser capaz de discutir, modificar e questionar sua realidade social.

Essa visão da filosofia da prática de Gramsci (2006) é uma visão universal, pois, a mesma discute a transformação de todas as sociedades ultrapassando as limitações e diferenças de seus períodos históricos. Essa visão universalista tem o interesse de construir uma civilização que tivesse em seu âmago principal a prática da filosofia política, ou seja, o homem teria a reflexão de suas atitudes e realidades do cotidiano baseadas em um aspecto reflexivo filosófico. Então as formas de humanização devem ser válidas e oferecidas para todos os homens independentes de suas diferenças pessoais e suas particularidades, nenhuma diferença pode sustenta e justificar qualquer tipo ou forma de desigualdade. Para Gramsci (2006) é preciso um movimento que possa trazer a união entre prática e reflexão política das classes dominadas.

O grande movimento cultural que pode promover essa reforma reafirma Gramsci é o “marxismo”, “a filosofia da práxis”. O interesse de Gramsci é o de encontrar o elemento “moral” que corresponderia à visão de mundo desenvolvida pela ‘filosofia da práxis. (DORES, 2000, p. 381, grifo do autor).

A responsabilidade dos filósofos, cientistas, intelectuais de todas as categorias, que estejam em função de transformar a sociedade em favor dos grupos dominados devem trazer o pensamento crítico, explicitar as ideologias, ensinar na sociedade e nas escolas a usar uma ação da prática política reflexiva, para que os homens possam juntar as suas ações com os pensamentos de reflexão. Gramsci (2006) trabalha com a ideia que todos os homens são filósofos, mas a intenção não era de dizer em uma categoria de que todos os homens são formados em filosofia. A afirmação de que “todos os homens são filósofos”, diz respeito à capacidade que todos os homens tem de usar sua reflexão em seu dia a dia para transformar sua realidade.

Para Gramsci (2006) todos os homens são resultados da formação de um processo histórico, ou seja, o homem tem sua prática juntamente com a reflexão, então as ações dos homens não são ações idênticas e mecanizadas, as ações dos homens são baseadas em seus significados aprendidos em seu meio social. Esse argumento demonstra que as ações dos homens são designadas por uma lógica de significados que levam os homens a entender o que acontece em sua volta.

O “senso comum” é uma visão de mundo tão estratificada que nela existem elementos de “bom senso”, um “núcleo sadio” que se liga ao pensamento mais desenvolvido e que é a razão pela qual que se torna praticamente impossível separar a filosofia

“científica” da filosofia “vulgar”, pois esta é apenas um conjunto desagregados de idéias e opiniões. “O que distingue é o fato de que, enquanto a filosofia “científica” é uma concepção de mundo “unitária”, o “senso comum” não pode ser elevado ao nível de uma “ordem intelectual” porque lhe falta unidade e coerência. (DORES, 2000, p. 389, grifo do autor).

Todo senso comum do homem é criado por significações, pelo motivo que todo senso comum carrega em sua essência o que denomina como bom senso, a questão é que todo homem é resultado, como já descrito, de um processo histórico e esse processo histórico transmite para o homem significados para que possa compreender e agir em seu meio social. São essas significações que move os seres humanos em suas ações coletivas ou individuais, pois todos devem raciocinar para poderem comunicar-se, trabalhar, participar e ser um ser “ativo” em sua sociedade e em seu período histórico.

É nesse núcleo que Gramsci (2006) chama de bom senso que também deve ocorrer às transformações ideológicas e morais para que o homem possa usar de sua prática de reflexão, uma forma de modificar os conceitos ideológicos que muitas vezes não favorecem os dominados, pois os mesmos quando aceitam, favorecem e reproduzem esses conceitos para as outras pessoas. Essa reprodução de conceito se dá pelo relacionamento humano, ou seja, a sociedade também educa os indivíduos e se as novas pessoas forem educadas com essa noção ideológica de moralidades e conceitos, irão criar um círculo de aceitação de ideias hegemônicas da classe que detém o poder. Mas para Gramsci (2006), a escola é um mecanismo principal de luta ideológica, que além de ser usado por intelectuais a serviço de grupos dominantes, esse uso acaba reforçando a noção do senso comum “vulgar” da classe dominada. A escola não transforma o senso comum completamente em um novo sentido. A escola reforça as significações existentes que mantém a massa popular em estado de aceitação dos valores burgueses.

Mesmo os grupos dominados que possuem esse senso comum existem também um bom senso, mas esse bom senso não possui significações necessárias para elevar a cultura das classes dominadas a prática de uma filosofia política de reflexão. O “senso comum vulgar” dos grupos dominados não possui coerências, significados que possam criar uma unidade “concreta”, uma ordem intelectual que possa fazer o indivíduo ser agente de suas próprias mudanças em seu meio.

A escola deve ser um mecanismo que possa transformar completamente o “senso comum” dos homens em um novo significado que seria o “bom senso” e esse “bom senso” deve

possuir significados que de coerência para o homem poder passar por uma reforma moral e intelectual, ou seja, que suas ações possam ser humanizadas a partir de uma reflexão filosófica.

Seja a educação sistematizada, ou a educação socializada, devem construir nos homens valores morais e intelectuais que leve a participação com uma ação crítica, mas como a escola é a responsável por sistematizar todo conteúdo armazenado da sociedade, essa escola tem um papel principal para tornar o homem um ser político se ela for usada com essa intenção.

A tarefa política dos intelectuais, no processo de “reforma intelectual e moral”, consistem em procurar elaborar uma filosofia que, partindo do “senso comum”, pois ligada à vida prática das massas de forma implícita, tenha a possibilidade de difusão e alcance o vigor e coerência das filosofias individuais, tornando-se um “senso comum” renovado. Como crítica do “senso comum”, o marxismo deve partir de seu “núcleo sadio”, isto é, do “bom senso”, para renovar e dar-lhe coerência e unidade, tornando-se um novo “senso comum” ao difundir-se entre as massas. (DORES, 2000, p. 391, grifo do autor).

Cabe aos intelectuais que pertencem às classes subalternas a responsabilidade de mudar a educação; o professor tem um papel importantíssimo, pois, é na mudança de seu trabalho que poderá haver uma mudança na concepção de escola em nossa época, se o professor trabalhar os conteúdos armazenados, instruir e construir nos alunos significados importantes para que esses alunos possam ser um novo “ser” um agente ativo em sua realidade.

A educação em Gramsci (2006) não aceita que nenhuma diferença possa justificar e manter qualquer desigualdade dentro ou fora ambiente de ensino. Então todos os professores devem transformar o “senso comum” em um nível de consciência filosófica, para que a prática do homem possa esclarecer os outros homens e destruir esse círculo que mantém as massas em sua condição de dominação.

Essa concepção de educação é transformar a consciência das massas que está repleta de incoerência em uma consciência crítica de classe. Seria transformar essa pré-consciência em uma consciência com uma prática filosófica, mas o educador deve partir da valorização do “ser”, ou seja, não tentar negar o “senso comum” popular mais entender esse senso. Para poder partir dessa ideia de mundo e assim construir uma nova ideia de mundo, de realidade onde o sujeito seja mais ativo, com uma prática que liga ação e reflexão filosófica. A educação deve sistematizar as ideologias vigentes da sociedade, mas ao mesmo tempo a educação deve sempre questionar essas ideologias, entender, refletir, para saber o uso dessas ideologias se estão sendo usadas para impor a sociedade uma forma de governo ou normas que favoreçam algum grupo dominante.

O motivo é que a educação deve disseminar todo conhecimento arrecado pela história de sua sociedade, mas a mesma deve questionar para poder criar novas interpretações, para que o ensino escolar deixe de ser um simples ensino reprodutor e passe a ser um ensino construtor e assim os alunos passarem a compreender a ação de sua própria prática no seu cotidiano.

Para Gramsci (2006) a existência de ideologias sempre irá existir em qualquer organização social. Mas separando o que Gramsci explicita como “ideologia orgânica” e a “ideologia arbitrária”, a ideologia orgânica existe quando é uma necessidade de uso de toda sociedade nela existe sentimentos, interesses e comunhão de todos. Mas a educação em geral deve explicitar a existência “da ideologia arbitrária” que promove a dominação do homem pelo homem. São essas ideologias que favorecem interesses particulares de classes que estão no poder e mantêm o homem em um estado de subalternidade, a educação deve explicitar essas “ideologias arbitrárias” e construir uma crítica para surgir uma negação dessas ideologias que estão a trabalho de grupos hegemônicos dominantes.

Gramsci discordava de uma escola que somente reproduzisse as ideologias sem questionar os interesses por trás. A escola deve formar um ser humano político, ou seja, para o trabalho, para reflexão do seu trabalho, para questionar sua realidade e educar de forma reflexiva as novas pessoas sem legitimar qualquer desigualdade como naturalidade do mundo. Gramsci (2006) não concordava com uma escola que tivesse o interesse de educar o homem somente para o trabalho na sociedade.

Opondo-se a esse tipo de formação, ele diz que o proletariado necessita de uma escola “desinteressada”, uma escola que não tenha como objetivo educar as massas para uma subordinação econômica e política, a escola deve construir a “consciência unitária” seria o que ele denominou como “escola unitária”.

Desse modo, o princípio “unitário” é abstrato; sua concretização é um objetivo político, que depende de lutas em todos os planos da sociedade. Depende especialmente de uma luta cultural para se formar uma nova “vontade coletiva”, inspirada na solidariedade e na convivência pacífica, que seja capaz desagregar a “vontade coletiva” atual, que contribui para manter as desigualdades sociais. (DORES, 2000, p. 410, grifo do autor).

A escola deve ser um mecanismo de luta das massas, deve formar o indivíduo para lutar contra as ideologias arbitrárias em todos os planos da sociedade, assim criar uma nova realidade onde a vontade coletiva seja a igualdade entre os homens, a igualdade econômica, social e intelectual. É construir uma escola “unitária” que possa criar uma consciência “única” de uma

sociedade mais justa e ativamente política. Assim desconstruir essas ideologias individualistas que o sistema capitalista inseriu e ainda inserem na sociedade todos os dias.

A “escola unitária” é a “escola ativa” porque tem como princípio filosófico realizar a igualdade, partindo do conceito e do fato do trabalho, da relação entre teoria e prática na atividade dos homens. (DORES, 2000, p. 421, grifo do autor).

O ensino da “escola unitária” tem o objetivo unir com equilíbrio a teoria e a prática do ensino, toda a educação teria uma ligação entre conhecimento filosófico e trabalho prático e vice versa. A formação do ser humano seria criada de uma prática que possa possibilitar o conhecimento das coisas materiais e conhecimento reflexivo político. A criação de pessoas com intenções de unir o trabalho a prática social, solidariedade, justiça, com o uso da reflexão filosófica construída na “escola unitária” e reproduzida dentro e fora do campo escolar. Então a escola trabalha com a realidade dos indivíduos unindo suas práticas sociais com ações de reflexão filosófica, tornando uma educação mais humana, uma educação que provoque a mudança no ser para com sua realidade.

Gramsci retoma esse fundamento para orientar a “escola unitária” e afirma que esta é uma escola de cultura geral, uma escola “humanista”. Não humanismo tradicional e sim num sentido amplo da relação do homem com a natureza, mediada pelo trabalho teórico e prático, intelectual e manual. (DORES, 2000, p. 422, grifo do autor).

Uma escola única que possa trabalhar com os aspectos humanitários de sua realidade, formar um “ser” para agir e mudar a sua e as demais realidades de sua época. Promover uma sociedade que possa ter mais autonomia e respeito com todo o seu meio social, desde natureza as atividades políticas diárias para analisar a suas ações no seu grupo social.

A escola unitária trabalhará em um sentido humanista amplo, o homem em uma formação que possa desenvolver uma relação mais justa entre as pessoas e até mesmo a natureza em seu meio. O homem com um trabalho que possa juntar-se teoria e prática e logo levar uma formação que possibilite pensamento filosófico em uma ação prática e até mesmo manual em seu cotidiano.

Então a escola unitária deve ser uma formação única que possa possibilitar a formação de um ser com múltiplas formações para exercer seu papel em seu meio social. O homem com uma formação filosoficamente crítica em sua realidade social e um sujeito ativo e transformador dessa realidade. Uma educação que possibilita uma formação para o trabalho, mas ao mesmo tempo essa educação possa formar um homem político e transformar o sujeito em um ser ativo. Uma educação humanista, para o trabalho, para uma transformação social, para uma transformação do sujeito, uma educação que possibilita ao sujeito um entendimento de sua realidade por completo e uma educação que não aceite ou reproduza nenhuma desigualdade

social como algo natural. A escola unitária não é uma educação que separe os sujeitos, ou seja, no ensino unitário não existe uma educação para formar patrões e outra educação para formar empregados. A educação “única” que possa possibilitar a todos os sujeitos uma reflexão de toda realidade social, uma educação “única” e ativa em seu cotidiano que crie uma nova ideia de união. Uma sociedade que possa ter no alicerce de sua formação a união de justiça social e não uma educação centrada somente no consumo e no trabalho servil como a educação que é apresentada nos dias de hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Uma escola com o princípio educativo proposto nestes termos, tem o poder de criar uma nova concepção de organização social e elevar o homens a uma autonomia para desenvolver suas participações de forma crítica em seu meio. A educação é um mecanismo de luta muito importante, pois é nela que as ideologias e todo conhecimento armazenado historicamente pode ser transmitido e é dentro dela que se deve criar uma reflexão sobre os conhecimentos transmitidos, que a escola possa começar a mostrar a história também dos derrotados.

A escola hoje mostra a história dos vencedores e transmite os valores dessa classe que está no poder, criando uma aceitação de toda injustiça social. O motivo de isso acontecer é que a escola é organizada por intelectuais que estão a serviço da classe dominante, ou seja, ela forma os intelectuais para que os mesmos possam organizar culturalmente uma naturalização de toda desigualdade social. Esses intelectuais burgueses que estão trabalhando na educação organizam a escola e a sociedade com uma separação entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, promovendo assim uma criação do “homem pensante” e um “homem mecanizado”.

O “homem pensante” surge com valores morais capitalistas, aquele homem que consegue seu título de intelectual e que é responsável por organizar a cultura. Já o “homem mecanizado” no sistema capitalista executa trabalhos mais “grosseiros”, é o homem que foi formado com valores capitalistas diferentes, para que esse homem aceitasse como natural vender sua força de trabalho.

A escola unitária tem a intenção de excluir essa dicotomia entre homem intelectual e homem mecanizado. Essa diferenciação ocorre devido à separação do trabalho manual do trabalho intelectual filosófico. A educação aqui discutida tem a intenção de unir as duas formas de trabalho, pois assim a sociedade teria o trabalhador autônomo. O trabalhador autônomo seria aquele que compreendesse os processos de seu trabalho e que tivesse condições para exercer seu papel de homem político.

O trabalhador não seria apenas um ser sem ação política e teria seu trabalho valorizado, pois seria um homem com uma educação completa, uma educação para o trabalho, para solidariedade, para compreensão de sua realidade como sujeito ativo no cotidiano.

A escola unitária vai formar pessoas para serem intelectuais de seu grupo social, autônomas, sem ser conduzidas por intelectuais burgueses, na verdade as pessoas se tornariam agentes de sua própria história, se tornariam pessoas ativas e transformadoras.

Dentro das escolas existem intelectuais evolucionistas que promovem uma dominação de um grupo que está no poder e que disseminou essa ideia como verdadeira na sociedade utilizando a escola como um mecanismo de reprodução dessas ideologias. Na educação existem ideologias que construíram uma visão onde pessoas nascem melhores do que as outras, essa ideia foi criada para justificar o fracasso escolar da massa popular tirando a responsabilidade do Estado e colocando-a totalmente no aluno.

Com os intelectuais burgueses organizando a cultura, foram difundidas provas de erros e acertos para justificar se o aluno é capaz de seguir em seus estudos. Quando esses alunos da classe popular, já com um ensino insuficiente oferecido pela escola reprovam, surgem teorias de que alguns alunos são naturalmente insuficientes para seguir em campos mais elevados da educação. Promovendo assim uma dominação justificada por uma falsa ciência, esses intelectuais criam teorias para que o sistema capitalista possa naturalizar suas injustiças na sociedade de hoje.

A criação dessas ideologias como a ideologia do dom, que algumas pessoas nascem com dons para os estudos, logo leva a crer que as pessoas que não conseguiram êxito nos estudos não dispunham de tal talento, desse dom natural. Isso nos leva a pensar que algumas pessoas possam ser inferiores e outras superiores, logo dentro da escola, que deveria destruir as ideologias racistas (na verdade muitas vezes acaba por reforçá-las).

A teoria da psicologia diferencial e a psicometria desenvolvem teorias para concretizar as diferenças sociais, com testes, provas que possam, de alguma forma, medir certa capacidade de talentos, como por exemplo, os conhecidos testes de (QI), que muitas pessoas ainda acreditam em sua validade. Não somos todos iguais socialmente, mas o problema é que intelectuais dessas ciências acreditam na desigualdade natural, e isso é uma visão evolucionista da educação em todo o Brasil.

Esses intelectuais trabalham para construir argumentações suficientes para inculcar nas pessoas que as desigualdades existem até mesmo no campo biológico e esse campo é o

responsável das desigualdades sociais e isso provoca a legitimação de um grupo inferior. Com intelectuais criando essa dominação da massa popular com esses conceitos evolucionistas, as massas sociais se sentem e acreditam serem inferiores.

Esses processos de naturalização da inferioridade fazem com que toda massa social aceite as normas e a forma de organização social burguesa como a única possível.

As instituições que se dizem democráticas, como a escola, na verdade naturalizam e legitimam todo o processo de inferiorização de pessoas da classe dominada. Para o sistema capitalista burguês uma teoria de superioridade deixaria a classe dominada sem ação e sem voz. O sistema capitalista precisa tornar natural toda miséria provocada por um sistema injusto onde uma enorme classe popular sustenta uma pequena classe burguesa, sem essa naturalização não seria possível forçar essa classe a ficar na miséria ou vender sua força de trabalho.

Outra forma de dominação está na existência de uma língua considerada padrão. Mas a origem do problema está nas diferenças culturais que influenciam na consideração das variações linguísticas consideradas dialetos incorretos. Essa ação promove a negação da diferença, pois ao mesmo tempo considera a diferença como uma deficiência do indivíduo, provocando a marginalização dos grupos dominados que com sua língua considerada incorreta fica sem poder de voz, desarticulando e desvalorizando qualquer articulação política.

A educação deve ser inovadora, pois a escola unitária valoriza o “Ser” e não o “ter”, como é valorizado na educação burguesa. A valorização do ser é valorizar a cultura, a arte, a língua, dos diferentes grupos sociais. Na escola unitária ao valorizar o ser não estarão impondo aos grupos sociais normas ideológicas dominadoras dos grupos dominantes, pois a educação vai se tornar uma educação da prática da filosofia construindo assim junto aos alunos uma construção da autonomia das pessoas.

Assim, todo homem é um intelectual, basta à educação criar estímulos e significados para que esse homem possa atuar em seu papel político e ser intelectual da sociedade. É ter uma sociedade com intelectuais ativos por toda parte pensando o futuro do coletivo e não como a escola burguesa que forma e legitima apenas intelectuais da sua classe para poder manter a exploração. A educação deve promover um educar em plano amplo, universal, o homem ciente de sua história, um participante ativo em sua realidade social.

Uma educação que promova todos como intelectuais, não considere diferenças linguísticas como deficiência e desvalorize qualquer teoria que promova uma desigualdade social para favorecer uma classe que está no poder. A escola unitária de Gramsci (2006) vai

analisar normas morais introduzidas na sociedade e ensinar os alunos a refletir sobre essas ideologias arbitrárias que existem na sociedade. Assim vai promover uma desconstrução desses valores para a construção de valores sociais baseados na coletividade e na justiça social entre os homens.

A escola unitária vai construir um homem muito além do trabalho, sua intenção é edificar uma sociedade onde todos possam discutir e refletir sobre a sua realidade social pela prática de uma filosofia política social e, assim, construir uma nova sociedade que não será baseada somente no ter, mas sim no ser. O homem preocupado não somente com aspectos individuais, mas na verdade preocupado com a formação e organização de uma sociedade mais justa para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3 ed. Porto Alegre/RS: Artmed, 2008.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.

DORES, Rosemary Soares. **Gramsci, o Estado e a escola**. Ijuí/RS: Unijuí, 2000.

GRAMSCI, Antônio. **O caderno do cárcere**. 4 ed. Rio de Janeiro/RJ: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GRUPPI, Luciano. **Conceito de hegemonia em Gramsci**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola, uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 2002.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

AUTOR PARA CORRESPONDÊNCIA

Aquilis Alves Matos

aquilis1987@gmail.com

Pós graduação em Metodologia Científica de Sociologia e Filosofia.

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES.